



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS**

**EXPLORANDO AS FRONTEIRAS ENTRE REALIDADE E FICÇÃO: O CASO DE
CAPÃO PECADO, DE FERRÉZ, E A LITERATURA MARGINAL BRASILEIRA**

MARCELO MARIANO NICOLAY

**RIO DE JANEIRO
2024**

MARCELO MARIANO NICOLAY

EXPLORANDO AS FRONTEIRAS ENTRE REALIDADE E FICÇÃO: O CASO DE
CAPÃO PECADO, DE FERRÉZ, E A LITERATURA MARGINAL BRASILEIRA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito
parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na
habilitação Português/Literaturas.

Orientador: Professor Doutor Adauri Silva Bastos

RIO DE JANEIRO

2024

CIP - Catalogação na Publicação

N314e Nicolay , Marcelo Mariano
Explorando as fronteiras entre realidade e
ficção: o caso de "capão pecado", de Ferréz e a
literatura marginal brasileira. / Marcelo Mariano
Nicolay . -- Rio de Janeiro, 2024.
27 f.

Orientador: Adauri Silva Bastos .
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Literaturas, 2024.

1. Literatura Marginal. 2. "Ferréz, capão
pecado". 3. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
4. Realidade e Ficção. 5. Marcelo Mariano Nicolay .
I. Bastos , Adauri Silva , orient. II. Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Marcelo Mariano Nicolay

DRE 118175404

EXPLORANDO AS FRONTEIRAS ENTRE REALIDADE E FICÇÃO: O CASO DE *CAPÃO PECADO*, DE FERRÉZ, E A LITERATURA MARGINAL BRASILEIRA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras na habilitação Português-Literaturas.

Data da avaliação: 01/08/2024

Banca Examinadora:



Adauri Silva Bastos – Presidente
Faculdade de Letras / UFRJ

NOTA: 10,0 (dez)



Godofredo de Oliveira Neto – Leitor Crítico
Faculdade de Letras / UFRJ

NOTA: 10,0 (dez)

MÉDIA: 10,0 (dez)

AGRADECIMENTOS

Serei breve. Esperei o melhor momento para escrever os agradecimentos, porém ele não chegou. Na verdade, eu nem iria escrever agradecimento, mas como que eu vou deixar essa página em branco da minha vida sendo que várias pessoas passaram por ela e me ajudaram a me tornar quem eu sou hoje?

Primeiro quero agradecer ao meu sagrado, aos orixás por terem me dado saúde e força para eu seguir na minha caminhada e alcançar os meus objetivos. Quando eu estava perdido, Ogun foi o meu norte, abriu meus caminhos e lutou nas batalhas comigo, Yemanjá por ter me dado serenidade e tranquilidade nas ocasiões em que essas qualidades foram necessárias. Ogunhê, Odoyá.

Quero agradecer a minha família por terem feito de tudo por mim. Minha avó Maria, Minha mãe Cláudia, Meu avô Nelson, Minha tia Fabiana, Minha Tia Jaqueline, meu tio Leandro, meu tio Matheus, meu avô Chico, meu primo Cristian e minha madrinha Leida. Minhas irmãs Isabela, Júlia, Brunna, Whaylla, Tamires e Bryan. Obrigado por tudo, vocês tornaram minha vida mais leve e que se não fosse vocês tudo que eu conquistei seria muito mais difícil. Eu amo vocês. Obrigado Moacyr, meu padrasto, que me passou os valores que eu precisava: conversar olhando no olho, falar a verdade, assumir as consequências das minhas atitudes, proteger e cuidar das minhas irmãs quando necessário.

Quero agradecer ao Fernando, Marcele e ao Inácio por serem meus parceiros de vida, por me mostrarem o lado bom da vida, por acreditarem em mim desde o início da minha jornada e carreira. Obrigado por ajudarem na construção da minha autoestima, na recuperação dela, por me ensinarem todos os dias alguma coisa diferente, obrigado por terem me acolhido e por não terem me abandonado quando eu me afastei. Eu amo vocês.

Merda na vida para todos os meus amigos dos arteiros e da ESAD, vocês têm um lugar guardado no meu coração. Eu amo todos vocês, obrigado pelos aprendizados, risadas, resenhas, festas, espetáculos, viagem, conhecimento, coragem e puxões de orelha também. Obrigado Isabel de Souza, minha namorada. Não sabemos o futuro, mas que nesse momento de finalização foi crucial para eu me manter no prumo e manter a minha autoconfiança. Seria injusto não citar você nominalmente. Eu te amo.

Aos meus irmãos que conheci na roça, obrigado por me receberem tão bem. Modupé Babà mi Adailton Moreira e Iya kekere Doya. São tantos nomes que seria injusto da minha parte colocar apenas alguns aqui, porém Tainá e Alynne foram um presente dos orixás na minha vida e que levarei para sempre no meu coração, amo vocês irmãos. No mais, fica aqui o meu sincero agradecimento a todos os membros do Ilê axé omiojuarô.

Galera da Escola Capoeira Cidadã obrigado por tudo. Pink, Betinho, Cravo, Canela, Winnie, Foguinho, Moana, Xande e todos os membros que treinam comigo e alunos que eu já dei aula. Obrigado pelo carinho, parceria e axé passado através de cada golpe. Obrigado mestre Curumim.

E por fim, mas não menos importante. Obrigado a mim, por ter acreditado em mim, por respeitar meu tempo, minhas vontades, sonhos e convicções. Se não fosse minha força eu não estaria aqui. É isso, obrigado Marcelo Mariano.

“Favelado sendo chamado de imperador?”

Adriano “imperador”.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo explorar, dissecar e relacionar a escrita de Ferréz com a sociedade em que vivemos. Os conceitos de literatura marginal e ficção da realidade, assim como a associação entre essas duas dimensões – ficção e realidade – serão a base para a análise de *Capão pecado*. Estabelecer um limite entre o que é realidade e ficção também será importante para compreender a inspiração do autor para escrever algo tão visceral, tão vivo, tão real, que, ao mesmo tempo, se firma como ficção. Correlacionar o romance em foco com outros textos do mesmo autor e de alguns outros escritores periféricos também contribuirá para entendermos o processo de escrita e verificarmos a existência de um certo padrão social nas favelas. Por extensão, veremos como o poder público e as pessoas agem diante de determinadas situações. Por fim, verificaremos que, ao relatar as situações enfrentadas pelas pessoas das favelas do Brasil, a literatura marginal desempenha dois papéis importantes: entreter e denunciar abusos cometidos pelo Estado ou até mesmo pelo poder paralelo.

Palavras-chave: literatura marginal, ficção da realidade, ficção *versus* realidade, *Capão pecado*, Ferréz.

Sumário

Introdução.....	7
1. Oralidade: do continente africano a Capão Redondo.....	9
2. Conceito de literatura marginal.....	11
3. Ficção da realidade.....	14
4. Temas, personagens e estrutura de <i>Capão pecado</i>	15
5. A ficção da realidade na obra de Ferréz.....	19
6. Realidade <i>versus</i> ficção.....	21
Conclusão.....	24
Referências.....	26

Introdução

A literatura é muito ampla. Não tem como resumi-la, explicá-la, simplificá-la e muito menos dizer qual sua função no mundo. A literatura é um ponto. Pode ser de partida, de chegada, de exclamação, final, interrogação ou até mesmo final. Muitos teóricos se perguntam qual a função da literatura. Mas será que ela realmente precisa ter uma função? Ou apenas deve ser apreciada em sua especificidade, levando o leitor a lugares a que só ela pode chegar?

Além desse grande ponto que a literatura é, há a literatura marginal, que, como o próprio nome diz, é marginalizada. Escritores como Ferréz, Sérgio Vaz, Geovani Martins, entre outros, não têm o mesmo prestígio que um escritor canônico. Isso acontece por uma série de acontecimentos históricos e sociais que, começando em 1500, com o processo de colonização do Brasil, resultaram nessa literatura marginalizada.

Outro ponto a ser levantado é que, neste trabalho, não se faz diferença entre a literatura marginal em prosa e a literatura marginal em versos. Tudo é literatura marginal; o que muda é apenas o formato. De Carolina Maria de Jesus a Sérgio Vaz, as histórias e relatos são de pessoas que viveram a maior parte do tempo à margem, invisíveis para a sociedade, e cujas dores e desejos foram silenciados durante muito tempo. Logo, não há por que fazer essa diferenciação.

Desde sempre nos negaram tudo: comida, água, educação, cultura, saneamento básico, luz e principalmente voz. Não escutam os que vivem à margem da sociedade, os favelados. A literatura marginal, o rap, o funk, o slam surgem dessa necessidade: de sermos ouvidos. Usar a arte para retratar a realidade em que se vive tornou-se corriqueiro nos becos e vielas da favela. Mas não é só tragédia que existe na comunidade; também há amor, compaixão, solidariedade, inteligência e todos os outros aspectos positivos da existência.

A favela consome de MC Marcinho, Anitta, Ludmilla, MV Bill, Claudinho e Buchecha, Geovani Martins, Jessé Andarilho, Sabotage, Racionais, Ferréz e Sérgio Vaz a Chico Buarque, Caetano Veloso, Maria Bethânia, Gilberto Gil, Djavan, Machado de Assis e Clarice Lispector. Isto é, não há essa diferença que o “asfalto” faz entre cultura. Música é música, literatura é literatura e arte é arte.

Nesse contexto, surgem cada vez mais escritores, cuja vivência é sintetizada com sagacidade e talento pelo carioca Jessé Andarilho:

Vendo pó

Vendo maconha
Vendo computador
Cresci vendo tudo isso
Hoje sou escritor

Em *Capão pecado* (2000), Ferréz retrata a vida na periferia de São Paulo, especificamente no bairro do Capão Redondo. A história gira em torno de personagens como Rael (jovem que busca escapar da violência e do crime que marcam seu ambiente) e seu irmão mais velho, Marquinhos (já profundamente envolvido nesse mundo). Além disso, o enredo se alimenta de um triângulo amoroso entre Rael, Paula e Matcheros.

O livro se divide em várias histórias paralelas que cercam a história principal – que é a do triângulo amoroso. Essas narrativas suscitam uma série de reflexões sobre temas como violência urbana, marginalização social, desigualdade e busca por oportunidades em meio à dura realidade das favelas.

O vocabulário é direto e cru, em reflexo da vivência e da cultura da periferia brasileira. Isto é, a linguagem não se deixa prender por tabus e inclui palavrões, além de expressões que só quem é daquela realidade usa. A escrita de Ferréz – como, de resto, toda a literatura marginal – foge dos padrões canônicos.

Oralidade: do continente africano a Capão Redondo

Segundo Sotigui Kouyaté, as pessoas não se tornam “griot”, elas nascem “griot”. Na cultura africana, os “griots” são contadores de histórias que transmitem suas vivências e seus conhecimentos oralmente, fortalecendo uma ideia de identidade e, de certa forma, a autoestima nesse continente explorado e marginalizado.

Os povos africanos trazidos pelos portugueses para serem escravizados no Brasil passaram essa oralidade de geração para geração, pois assim conseguiam manter alguns resquícios de sua cultura. Com o passar dos séculos, esses povos foram ficando à margem da sociedade, negligenciados e forçados a morar em favelas; mas a cultura da oralidade foi passada e acabou se refletindo na literatura dessa população.

Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo nasceram e moraram muito tempo na favela. Assim, relataram suas vivências em cadernos da forma que sabiam, sem se preocupar em um primeiro momento com a gramática, mas sim com o sentimento e a mensagem que queriam passar – características igualmente marcantes na oralidade.

A maioria dos autores marginais também escrevem como se fala, ou seja, com hábitos de linguagem como gírias, palavrões e bordões locais que só quem vive nas favelas e periferias entende. Palavras como “boca”, “chefe”, “visão”, “cria” ganham outros significados em um contexto diferente do habitual.

Esses resquícios de oralidade causam estranhamento em um primeiro momento, pois fogem do cânone e do léxico admitido em livro. O preconceito com a própria linguagem dessa sociedade à margem acaba se refletindo na literatura: livros de autores marginais não são vistos como “legais” por certas pessoas que se dizem cultas. Porém, tudo o que acontece nas favelas é cultural – inclusive os fatores sociais –, logo, quando o escritor registra esses acontecimentos cruéis em um livro sem nenhum filtro, transforma aquilo que vive em cultura, mais precisamente em literatura.

Assim, admite-se que o texto, em qualquer outra ocasião de sua existência, tenha participação no campo da oralidade em diferentes e inimagináveis espaços de produção e circulação (ARAÚJO E FERNANDES, 2017, p. 16).

Após publicar de maneira independente seu primeiro livro de poesia – *Fortaleza da desilusão* –, Ferréz decidiu se aprofundar ainda mais na literatura e, para tanto, buscou

referências em autores russos, quadrinhos internacionais e clássicos brasileiros. Desse modo, adquiriu bagagem de leitura. No entanto, se não fosse a vontade de relatar por escrito sua vivência de maneira semelhante àquela como contava para os próprios amigos, talvez não existisse esse marco chamado *Capão pecado*, ainda hoje um divisor de águas quando se trata de literatura marginal.

Conceito de literatura marginal

Em primeiro lugar, é importante sublinhar que a ideia de literatura marginal é muito recente. O termo começou a circular na década de 1970.

Um dos primeiros autores a se autodenominar marginal foi Luiz Antônio Simas, ao publicar, em 1977, *Marginal pela marginal*. Esse livro traz uma série de crônicas e relatos que perspectivam a realidade das periferias urbanas, dando voz aos indivíduos marginalizados e expondo as dificuldades e desafios enfrentados por essas comunidades.

Sua linguagem é bem direta. Sua expressão recorre a gírias, expressões populares e uma estrutura narrativa mais informal. Dessa maneira, pode surpreender o leitor, ao mesmo tempo que o aproxima das pessoas da dita periferia.

A literatura marginal surgiu como um acontecimento literário e social dedicado a vozes, vivências e realidades silenciadas. Muitas vezes marginalizado pela própria academia e pela mídia tradicional, esse movimento literário mostra uma riqueza cultural e uma visão ímpar sobre a sociedade. Entre seus autores mais proeminentes destaca-se Ferréz, que, conforme dito, fez de *Capão pecado* um exemplo marcante do poder e da importância da literatura marginal.

A literatura marginal surgiu como resposta às lacunas representativas da literatura brasileira, que historicamente negligenciou o ponto de vista das comunidades periféricas. Ao contrário das narrativas convencionais – que muitas vezes idealizam ou estereotipam essas comunidades –, traz uma abordagem franca e autêntica, revelando as complexidades e os desafios enfrentados pelos moradores das periferias urbanas. Diferentemente da romantização com que a mídia e as telenovelas tratam a periferia, relata realisticamente a violência e a falta de acesso a saneamento básico, moradia digna, direito de ir e vir e outras necessidades da população.

Especificamente em *Capão pecado*, o leitor é convidado a mergulhar nas profundezas do Capão Redondo, um bairro periférico de São Paulo de cujos habitantes passa a conhecer um pouco as lutas, os sonhos e os conflitos. A narrativa é crua e realista, desprovida de romantização ou idealização, dedicada a retratar a violência, a pobreza, a desigualdade e a esperança que permeiam o cotidiano dos personagens.

Um de seus aspectos notáveis é a linguagem visceral e coloquial utilizada para dar voz aos personagens. O autor se apropria de termos populares, gírias e expressões características

das periferias parar criar uma conexão autêntica com seu público-alvo e, no mesmo movimento, captar a autenticidade da vida nas comunidades marginalizadas.

Além de proporcionar uma visão panorâmica e profunda das condições de vida nas periferias urbanas, *Capão pecado* fala de questões sociais e políticas como o racismo, a violência policial, a falta de oportunidades e a busca por identidade e pertencimento a lugares negados a essa parcela da sociedade. Ferréz desafia estereótipos e preconceitos ao descortinar seus personagens e mostrar sua resiliência diante das adversidades.

Ao longo das páginas de *Capão pecado*, somos apresentados a uma galeria de personagens complexos e multifacetados, cada um com suas próprias lutas, características e sonhos. O protagonista, Rael, torna-se um símbolo das contradições e esperanças da vida na periferia, lutando para escapar do ciclo de violência e encontrar um propósito em um ambiente hostil e desigual.

A obra de Ferréz vai além das fronteiras literárias, firmando-se como manifesto cultural e social que ecoa nas ruas e vielas das periferias brasileiras. Seus livros estimularam toda uma geração de jovens escritores e ativistas a reivindicar seu espaço na cena cultural e a mostrar suas próprias histórias, desafiando, assim, as narrativas dominantes e promovendo uma maior inclusão e diversidade na literatura brasileira.

Entretanto, apesar do impacto significativo da literatura marginal, ainda há um longo caminho a percorrer para que essas vozes sejam plenamente reconhecidas e valorizadas. A marginalização persistente dos autores e escritos das periferias reflete as desigualdades estruturais e os preconceitos arraigados na sociedade brasileira – daí a importância da luta contínua por representação e justiça social.

A literatura marginal, representada de forma magistral por Ferréz em *Capão pecado*, é muito mais do que uma expressão artística; é um testemunho poderoso da resiliência humana, da busca por dignidade e justiça e da força transformadora das histórias compartilhadas. Ao reconhecer e valorizar essas vozes, estamos não apenas enriquecendo o panorama literário brasileiro, mas também promovendo mais compreensão e empatia em relação às comunidades marginalizadas.

Ao contrário do que muitos pensam, a literatura marginal não é para os leitores de grandes clássicos. Na verdade, surgiu para que a própria população periférica e favelada leia. Como a linguagem e as situações são próximas de sua realidade, a comunidade se sente representada. Os textos mostram que a periferia é potência, ou seja, muito mais do que a belicosidade realçada cotidianamente pelo noticiário. Portanto, estimulam jovens sem

perspectiva de vida a se enxergar escrevendo um livro para compartilhar suas histórias. Ou que se sintam incentivados a estudar, adquirir uma formação e seguir uma profissão.

Em *Capão pecado*, lemos que se trata de “uma história que muitos resumiram como ‘ficção da realidade’” (Ferréz, 2020.) As palavras “realidade” e “ficção” atravessam este trabalho, até porque, ao imbricá-las, o próprio autor retira a ficção de sua suposta distância da realidade.

Ficção da realidade

A expressão “ficção da realidade” remete à prática de criar narrativas baseadas em elementos reais e concretos da vida cotidiana, da sociedade e do ambiente em que o autor está imerso. Essa abordagem busca representar fielmente a realidade social, política e cultural de um determinado contexto, muitas vezes utilizando experiências pessoais do autor ou pesquisas detalhadas sobre o ambiente retratado. Consequente, incorpora eventos históricos, personagens e situações que refletem as complexidades e contradições da vida real.

Os escritores se inspiram em acontecimentos ou pessoas para criar suas histórias, embora tenham a liberdade artística de modificar e adaptar esses elementos conforme as necessidades do enredo.

Não inventamos essas histórias como ficção: eu amarro como ficção, dou argumentos para minimizar essa realidade a um patamar de desconforto que seja até tolerável. Tento na verdade embrulhar uma parte dessa realidade, mas é vista por mim. Comida e regurgitada por mim, então não é uma realidade pura. Eu só escrevo quando sinto de verdade que aquela história tem que ser contada (FERRÉZ, 2016, p. 6).

O autor utiliza uma estratégia muito comum no mainstream, que consiste em desenvolver uma trama sobre um triângulo amoroso marcado por uma traição entre amigos. Só que, a partir desse entrecho inicial, desenvolve histórias que o cercam. Ou seja, o livro vai além do elemento mais mobilizador, que, ao chamar a atenção, possibilita a exposição da realidade por meio de uma ficção muito bem elaborada.

Ao final, dá voz a grupos marginalizados, explorando temas como desigualdade, injustiça social, pobreza, violência urbana, entre outros. Autores que optam por escrever assim costumam ter uma forte ligação com as comunidades que estão retratando e seus trabalhos frequentemente têm um tom autêntico e visceral.

Temas, personagens e estrutura de *Capão pecado*

Ferréz começa localizando o leitor geograficamente, reforçando a ideia de que pertence a um lugar marginalizado, portanto distante do centro e invisível perante a sociedade. Uma das características principais do livro é essa localização, esse detalhamento sobre o lugar, o espaço geográfico em que as pessoas estão vivendo e em como isso é o resultado de uma ação programada pelos governantes. Essa ação programada gera uma revolta que acaba em violência: é o povo marginal matando o povo marginal.

No início do livro, já encontramos essa ambientação:

Universo

Galáxia

Via Láctea

Sistema Solar

Planeta Terra

Continente americano

América do Sul

Brasil

São Paulo

São Paulo

Zona Sul

Santo Amaro

Capão Redondo

Bem-vindos ao fundo do mundo (FERRÉZ: 2020, p.23).

A citação acima remete a um telescópio ou instrumento tecnológico que permite dar um zoom e destacar o lugar, aproximando os leitores e chamando a atenção para a favela, seus acontecimentos e personagens, em realce da distância relativamente à necessária visibilidade. Afinal, a visibilidade é fundamental à conquista de direitos básicos.

A localização geográfica determina se o indivíduo tem ou não vida boa, confortável, ou pelo menos o básico para viver com dignidade. Ao situar geograficamente a história logo na primeira página, o autor oferece uma espécie de spoiler do livro e indica que a população favelada está fadada à desgraça e à violência.

A violência atinge quase todos os personagens, seja de forma ativa (dando um tiro na cara de alguém), seja de forma passiva (dedurando alguém próximo para que ele se ferre e saia do caminho). Apesar de alguns personagens não terem concluído o ensino formal, transmitem crítica social. Às vezes, essa fala se deve à localização longe do centro e ao desejo de querer mudar de vida por meios lícitos, sem entrar no mundo do crime.

Além disso, o personagem principal Rael desenvolve um pensamento crítico revolucionário sobre o lugar em que vive. É o que se vê, por exemplo, em sua ida ao centro da cidade para apanhar o salário da mãe. Durante o trajeto, é tomado por uma série de reflexões sobre sua realidade, as quais acabam por se ligar à violência. Além de visivelmente incomodado com o fato de não se sentir pertencente ao Centro, percebe que todos ao redor o encaram de forma estranha.

Em contrapartida, Burgos, um matador de Capão Redondo, se mostra cruel e não teme as consequências de suas atitudes. Quer se dar bem e ficar vivo, visto que é muito visado pelos inimigos. Não aparecem muitos detalhes sobre a história de vida desse personagem, mas suas ações deixam perceber que carrega muito ódio dentro de si, por conta das injustiças sofridas na comunidade em que continua vivendo.

Burgos não é visto como um psicopata, e sim como mais um bandido sanguinário que desconta suas raivas e frustrações nas pessoas e, por isso, é julgado. A sociedade o considera mais cruel que um serial killer, por conta de sua origem na favela. É o que se depreende da comparação abaixo:

O psicopata sofisticado e cheio de recursos é o serial killer, uma imagem já consagrada pelo cinema, um vilão que merece até alguma simpatia, tendo em vista a inteligência com que lida com suas vítimas e, especialmente, com a polícia. Já o sanguinário bando de assaltantes, que cospe um vocabulário próprio e exhibe fuzis sem disfarces, está muito mais próximo dos noticiários policiais. O ponto central é que, embora ambos sejam representações literárias, teoricamente livres de um cotejamento com a realidade, o primeiro remete à ficção, e o segundo ao mundo real: ao cotidiano violento das grandes cidades brasileiras (DALCASTAGNÉ: 2017, p. 13).

Como dito anteriormente, a literatura marginal era e ainda é vista como algo sem valor pela sociedade, que prestigia apenas o cânone. Mas há um problema nessa visão: os clássicos literários não são capazes de suprir a necessidade, presente na sociedade, de reconhecimento.

Não dão conta de representar todos os grupos de uma sociedade, pois deixam de lado povos originários, pretos e pretas, pessoas lgbtqiapn+ e, por fim, não se atêm ao espaço geográfico que os representam.

Assim, mulheres e homens, trabalhadores e patrões, velhos e moços, negros e brancos, portadores ou não de deficiências, moradores do campo e da cidade, homossexuais e heterossexuais vão ver e expressar o mundo de diferentes maneiras (DALCASTAGNÉ: 2017, p.14).

Uma palavra passível de resumir *Capão pecado* é “violência”. O livro não dá um segundo de descanso para o leitor: a agressão está sempre presente. O texto gera agonia e náusea. A violência é a ausência da paz e, na narrativa, o único lugar de paz é a morte.

Os personagens só descansam quando morrem. A paz não pertence à favela, na qual nunca esteve presente. No conto “Da paz”, Marcelino Freire apresenta a paz como branca e contraditória, pois, para existir, precisa da desgraça, do sangue e da violência.

A paz nunca vem aqui, no pedaço... A paz é uma senhora. Que nunca olhou na minha cara. Sabe a madame? A paz não mora no meu tanque. A paz é muito branca. A paz é pálida. A paz precisa de sangue (FREIRE: 2008, p.8).

O afastamento criado pela geografia provoca uma competitividade muito injusta, que os personagens periféricos reconhecem. É natural, portanto, que sintam ódio dos abastados que moram nos grandes centros.

Entretanto, apesar de não haver paz, há esperança, letramento racial e consciência de classe, mesmo que os personagens não saibam o que isso quer dizer. Ainda que não se sintam bem-vindos, têm consciência de que pertencem ao mundo e precisam fazer alguma coisa para mudar de vida e escapar a um destino que leva sempre ao mesmo lugar.

A esperança toma conta daqueles que, por um segundo, conseguem enxergar para além dos bailes, das festas, das drogas, do tráfico e do assassinato. Um segundo de lucidez basta para mostrar que aquela realidade não é para eles, ou melhor, não é para ser humano algum. Eles reconhecem que não dá para ficar dormindo até tarde e simplesmente ver o tempo passar. Sabem que precisam ir atrás de algo para mudar de vida. No livro, esse pensamento está presente de forma direta e indireta.

O reconhecimento de talentos e habilidades – seja para jogar bola, pintar um quadro, estudar, fazer música, virar massa na obra, entender de tecnologia – é a saída para quem enfrenta uma realidade cruel e violenta. No romance de Ferréz, poucas pessoas enxergam isso. Porém, quando se dão conta, tratam de passar o que aprenderam para todo mundo, porque é assim que se faz lá: um ajuda o outro.

Os playbas têm mais oportunidade, mas na minha visão, temos que virar o jogo com o que temos, tá ligado? O Duda e o Devair pintam pra caralho, o Alaor e o Alce fazem um rap cabuloso. O Amaral e o Panetone jogam uma bola do caramba (FERRÉZ: 2020, p. 96).

Dentro dessa perspectiva de mudança de vida, tem também quem vira policial. A polícia é retratada como uma instituição muito violenta e corrompida. Um dos amigos de Rael torna-se policial e acaba com a imagem de pessoa pacífica, legal e agradável de se ter por perto. Ao entrar para a polícia, torna-se tudo aquilo que não é: passa a bater nos amigos e a ser conivente com atos de violência contra moradores da comunidade. A polícia é descrita com muito realismo. Ferréz não generaliza, evita falar que todos os policiais são iguais, mas mostra que só entram na favela para bater e matar.

O autor utiliza um recurso narrativo poderoso para essa ficção da realidade se tornar mercadológica, vendável, estimulante da leitura do livro: cria, conforme comentamos, um triângulo amoroso. Rael e Matcherros são melhores amigos e Paula é namorada de Matcherros. As histórias desses personagens são intercaladas com as narrativas de outros personagens. Como o triângulo amoroso é um recurso presente em telenovelas, filmes e peças de teatro, o leitor se sente na realidade e, ao mesmo tempo, no campo ficcional.

O uso desses mecanismos narrativos é crucial ao entendimento da realidade da trama. Em nenhum momento a história principal se perde por conta das secundárias. Uma vez que o triângulo amoroso prende a atenção, a escrita pode incorporar a fala local quase que *ipsis litteris* e, dessa maneira, despertar a identificação do público para o qual o livro foi escrito: os favelados.

A ficção da realidade na obra de Ferréz

Ferréz escreveu seu livro para quem não sabe ler, não está mais aqui por conta da violência ou precisa se sentir representado. Tendo esse público-alvo em mente, semeou detalhes ao longo da história que fazem toda a diferença e atraem esses não-leitores, de modo que o contato com o livro seja o pontapé inicial desse público como leitor. Mostra disso é que a fala dos personagens se parece com a fala das pessoas periféricas e marca a descrição do ambiente e das casas, da mesma maneira que esmiúça as cenas de tortura, acidentes, suicídios e sexo.

Pegar uma história real e adaptá-la para um livro é diferente de escrever algo puramente ficcional. Quando o intuito é transmitir algum resquício de realidade, pega mal para o autor escrever aquilo que não viveu. Assim se explica que tudo na ficção de Ferréz se baseie, em alguma medida, em sua vivência. Daí a frequência com que perdemos de vista a linha tênue entre ficção e realidade durante a leitura desse livro.

Em *Capão pecado*, Ferréz utiliza algumas estratégias para retratar a vida na periferia de forma verossímil e impactante. Uma das principais é a escrita semelhante à oralidade do lugar, ou seja, como se fala, utilizando gírias, palavrões, erros de concordância e até mesmo rotacismo – fenômeno linguístico que consiste na troca do “l” pelo “r” em palavras como: flamengo ~ framengo; bicicleta ~ bicicreta –, muito comum entre pessoas com baixa escolaridade, baixa renda e moradores de favelas. A aproximação entre escrita e fala oferece ao leitor uma noção do lugar em que a história se passa. A frase de abertura do livro já chama a atenção: “Aí mano! Eu bebo todo dia. Cê tá ligado”. Essa estratégia é muito importante para atrair o público não leitor a que temos nos referido, que logo na primeira página vive uma espécie de identificação.

Além disso, a descrição do ambiente dos personagens é muito importante para a construção de uma narrativa rica em características da realidade. O colchão fino, o cobertor que não aquece quem está com frio, a casa de teto de alvenaria que esquenta muito no verão, o café frio, o pão adormecido. Tudo isso contribui para que o leitor imagine a vida do personagem, que, por coincidência ou não, vive em uma realidade muito parecida com a sua. Em síntese, a ficção se mistura com a realidade por meio dos detalhes.

A linguagem direta é uma constante na escrita de Ferréz. Em *Deus foi almoçar*, por exemplo, o autor utiliza estratégias semelhantes às de *Capão pecado*, de modo a aproximar o leitor da realidade vivida por Fabiano, jovem periférico tentando mudar sua realidade através

do trabalho. Essa abordagem se mostra exitosa na construção de uma obra autêntica, impactante e capaz de transportar o leitor até as dificuldades e os desafios enfrentados pelos personagens, desdobrados de pessoas que habitam essas áreas.

Realidade *versus* ficção

Um acontecimento histórico é um fato, portanto não pode ser mudado. É uma realidade passada que, mesmo relatada mediante o uso de determinados recursos de escrita, continuará imutável. Independentemente de quem o descreva – seja um cientista que não o viveu, mas o estudou; seja uma pessoa que o viveu e não o estudou –, resta a obrigação de buscar o máximo possível de fidedignidade.

Em contraste, a ficção é uma narrativa livre de compromissos com o fato. Mesmo que uma história seja criada a partir das vivências e experiências do escritor, ganhará uma feição particular a partir dos recursos literários utilizados. Entre as muitas diferenças entre ficção e história, destaca-se o esforço do ficcionista em contar histórias de maneira enriquecida a ponto de suscitar uma verdadeira pluralidade de interpretações.

A história que um escritor coloca no papel ou na tela de um computador a partir de uma experiência que passou é uma ficção da realidade. Isso lhe confere liberdade para ampliar, diminuir e modificar à vontade a vivência original. Pode acrescentar personagens, recorrer a recursos estilísticos, escrever em prosa ou poesia. A decisão é exclusivamente sua, afinal ele é quem viveu a história e decidiu contar. Ou seja, a possibilidade de uma pessoa relatar de maneira literária algo que viveu leva naturalmente à ficção da realidade. Quando se olha por esse ângulo, percebe-se que realidade e ficção não são tão diferentes assim, muito menos antagônicas.

A imagem que a mídia propaga das favelas é negativa; isso é um fato. Porém, a forma como ela retrata dá a entender que a comunidade é apenas isso, levando o receptor da mensagem a inferir que na periferia só existem violência, arma, droga e outras coisas associadas ao mal. De fato, isso tudo existe, porém os atos ilegais são praticados por uma minoria. A questão é a forma como a imprensa relata isso: chacinas policiais são chamadas de operações, violência policial é chamada de protocolo padrão, abuso de autoridade e outras condutas duvidosas dos agentes da lei são amenizados pelas imagens de apreensão de drogas e armas, de bandidos sendo presos e de eufemismos. Assim, a população tem a impressão de que a lei está sendo cumprida em algum lugar, mas isso tem um custo.

Por outro lado, a ficção de Ferréz se baseia em suas memórias e histórias. Ao escrevê-las, o autor teve o cuidado de fazer com que fossem levadas em consideração. Porém, quem viveu e vive na periferia sabe a responsabilidade que é falar ou escrever sobre suas

histórias naquele lugar. Ferréz coloca essa realidade em cada página, porém de uma forma que imprime visceralidade à história.

Daí a importância, para nossa reflexão, da ideia de “realidade estética”, associada à problematização dos acontecimentos presentes no ambiente retratado. Os problemas são criticados e têm uma solução proposta pelos personagens ou pelo próprio escritor.

E a realidade estética significa problematização da realidade objetiva, seja ela qual for; a literatura visaria, então, não apenas colocar a presença das coisas, mas interrogar essa presença, a pô-la em questão; e uma das qualidades do texto literário está justamente na força desse questionamento (FREITAS: 1986, p. 42).

A literatura marginal coloca o dedo na ferida dos problemas sociais: critica e escancara o que se passa dentro daquele território. Joga a verdade na cara do leitor, mas de uma forma lúdica, quase como se fosse um tapa com luva de pelica. Mostra a dura realidade a um público-leitor formado basicamente de gente da classe média ou alta, que, assim, consegue perceber quão privilegiado é.

No prefácio de *Capão pecado*, Ferréz afirma que o público para o qual escreveu o livro infelizmente não irá lê-lo. Na verdade, na periferia o jovem que lê não costuma ser bem-visto e pode até mesmo ser taxado de maluco. Mesmo diante desses percalços, o livro é dedicado a essas pessoas, para que elas se sintam representadas.

Na favela, há milhares de pessoas como Rael, Paula, Matcherros, Cebola e Panetone, todas necessitadas de uma representatividade de que nem sempre têm consciência. Quando conseguem se enxergar nas histórias ou identificá-las como parte de seu cotidiano, notam que suas vivências são importantes.

Na maior parte do tempo, a realidade é dura. Entretanto, existe a possibilidade de solução para os problemas vividos. Assim, essa literatura real e densa também representa esperança.

Fazer literatura permite ao artista se colocar certos problemas sobre a realidade que ele vive ou que lhe é relatada e responder artisticamente a esses problemas, sempre de acordo com seu ponto de vista, que o encaminhará para a inclusão de um outro problema, resolvendo-o artisticamente (BACCEGA: 2007, p. 4).

A forma como Ferréz conta a história de Rael e das pessoas que moram lá é real. Não há outra palavra para descrever o que se passa no livro: os próprios recursos linguísticos ampliam a veracidade das histórias.

O triângulo amoroso, mas também as brigas, os assassinatos, a traição, o cuidado, o carinho, o amor, o afeto, tudo isso é transmitido primeiramente pelo vocabulário. Nas cenas de violência, o palavrão é muito presente. Nas situações mais calmas, o cuidado e o amor aparecem das mais diversas formas, como, por exemplo, Rael fazer um café para a mãe ou acordar no meio da noite para cobri-la e, dessa forma, protegê-la do frio. O mesmo acontece com outros personagens. Basta pensar no momento em que o amigo do Cebola fala que eles têm que mudar de vida.

Conclusão

Escrever sobre *Capão pecado* é um grande alívio. Apesar de ser um texto pesado para um leitor não acostumado com esse tipo de leitura, retrata a realidade sem rodeios ou subterfúgios. Ferréz coloca o dedo na ferida e expõe todos os problemas da favela de forma bela, artística, forte, contundente e, na medida do possível, até cômica.

O livro se destaca, entre outras coisas, pela discrepância entre a forma como expõe certos problemas e a maneira como são retratados pela mídia. As soluções, a alegria e a potência que injeta nas dificuldades de toda sorte nem de longe aparecem nos meios de comunicação tradicionais.

A narrativa apresenta um recorte da sociedade que, apesar de não ser minoria, é tratado como tal. A urbe não é pensada para os moradores de favela, que, no entanto, são os responsáveis pelo giro econômico da cidade. Como explicar que os direitos básicos – como água, luz, saneamento, lazer e cultura – sejam negados a essas pessoas? Por que a grande mídia não mostra o outro lado dessa realidade?

Se a função da mídia é dar conta da realidade, por que não mostra que somos muito mais que tiros, bandidos, fuzis, drogas e tragédias? Por que não mostra que os outros 99% dos moradores da favela são trabalhadores, assim como os habitantes de qualquer outra área da cidade?

De volta à literatura, sabemos que, tanto quanto Ferréz, autores marginais incríveis como Geovani Martins, Sérgio Vaz e Jessé Andarilho tiveram que lutar e ainda lutam bastante para ter uma certa visibilidade. São sobreviventes de suas respectivas realidades e resistem. Por isso, decidi fazer uma monografia sobre a literatura marginal.

Agora, Ferréz tocou em tantos pontos que vivi e representou tantas histórias que vi que esta monografia só poderia ser dedicada à sua escrita. Analisar um livro do tamanho de *Capão pecado* e trazê-lo para o debate dentro da universidade é crucial para alcançarmos lugares que desde sempre merecíamos ocupar.

Escrever sobre essa obra ajuda a expor a potência da favela, que, entre outros profissionais, produz muitos escritores, cientistas e empresários. Na verdade, é autossustentável e não precisa do “asfalto”, que, esse, sim, depende de nós. Basta pensar que se todos os trabalhadores das comunidades decidissem parar de trabalhar por um só dia, a cidade iria parar, pois não haveria gente para cuidar de transporte, lixo, escola, hospital, universidade...

Por fim, escrever sobre literatura marginal é muito mais do que fazer uma análise técnica da obra. É mostrar igualmente que estamos vivos, contrariando as estatísticas. É pedir visibilidade para as coisas boas da periferia. Mesmo que esse pedido não seja atendido pela grande mídia, damos um jeito de aparecer e mostrar toda a nossa qualidade, mudando a visão que a sociedade tem da favela.

Referências

- ARAUJO, Susylene Dias de; FERNANDES, Frederic Augusto Garcia. “Apresentação – Literatura e oralidade: rastros e manifestações”. *Revell – Revista de Estudos Literários da UEMS*, 2(16), 04–09, 2017.
- ANDARILHO, Jessé. Publicação no *Instagram*. Disponível em: [Jessé Andarilho \(@jesseandarilho\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso em: 10/05/2024
- BACCEGA, Maria Aparecida (2007). “Discurso da comunicação: encontro entre ficção e realidade”. *Comunicação & Educação*, 12(3), 23-34. [DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v12i3p23-34].
- DALCASTAGNÉ, Regina. *Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Edusp, 2017.
- FREIRE, Marcelino. *Rasif: mar que arrebenta*. São Paulo: Record, 2008.
- FREITAS, Maria Teresa de. *Literatura e História: o romance de André Malraux*. São Paulo: Atual, 1986.
- FERRÉZ. *Deus foi almoçar*. São Paulo: Planeta, 2012.
- _____. *Capão pecado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- FERRÉZ (org.). *Literatura Marginal: talentos da escrita periférica*. Rio de Janeiro: Agir, 2006.
- MARTINS, Geovani. *O sol na cabeça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- RODRIGUEZ, Benito Martinez. “O ódio dedicado: algumas notas sobre a produção de Ferréz”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº 24. Brasília, julho-dezembro de 2004, pp. 53-67.